

A Escola

Revista official de ensino

Fundada pelo Director Geral da Instrucção Publica, Bacharel
Virgilio Cardoso de Oliveira, em 1900.

Publicação mensal

Director: — O Secretario de Estado da Justiça, Interior e Instrucção Publica

Redactores: — F. F. DE VILHENA ALVES e ARTHUR VIANNA

— 31 DE JANEIRO DE 1905 —

PARA
IMPRESA OFFICIAL
23, PRAÇA DA INDEPENDENCIA.

—
1905

PARTE I

PEDAGOGIA E LITTERATURA

A Revista Infantil

«SINITE PARVULOS VENIRE AD ME»

(Aos srs. paes e mestres e á mocidade estudiosa.)

I

Não fôra a convivencia de alguns annos com o professorado primario do Estado, nos labores da nobilissima causa da instrucção, em cargos administrativos que exerci; não fôra essa affectuosa harmonia de esforços que sempre nos animaram em busca do desenvolvimento dos differentes serviços relativos, harmonia de acção e de sentimentos que crearam, desvanço-me em dizel-o, uma forte corrente de sympathia e confiança mutuas, e que eu ainda hoje conservo com carinhosa lembrança; não fôra, embora em outra esphera mais reduzida, o contacto que continúo a manter com a mocidade e o magisterio primario, no cargo de director do ensino municipal de Belem, pequeno élo que me entrelaça ainda á brilhante cadeia da instrucção publica paraense; não fôra o incentivo de algumas provas de benevolencia e animação com que já me senti honrado, em passados tempos, a proposito de reuniões publicas por mim convocadas e instituições creadas, por parte de mestres, paes e escolares; não fôra esse conjuncto de circumstancias

attenuantes, não me abalançaria, de certo, a traçar esta pequena sêrie de artigos, pretendendo, por minha penna sem viços de attrahencia, a benevola attenção publica. Relevae-me, pois, lendo com bondade meus escriptos, certos de que não é minha penna desauctorizada que vos transmite idéas, mas a minha alma bem intencionada, aberta ás scintillações da verdade, que vae entreter comvosco uma desprerenciosa e amigavel palestra.

E como naquella época, ao lançar idéas, fiz sempre empenho de contar com a vossa boa vontade, dirigindo-vos appellos directos e publicos, não poderia agora dispensar vosso concurso necessario á realisação de um *tentamen*, que se me assegura proveitoso.

E alenta-me a esperanza de que, se naquelle tempo bem echoaram em vosso espirito minhas palavras, não deixarei de lograr presentemente, no character particular em que escrevo, tambem um acolhimento sympathico, porque, bem sabeis, ellas são dictadas por um amigo sincero da infancia, que, de ha muito, vae sendo o guia de minha actividade na vida publica; da infancia innocente e boa, que eu revejo diariamente, em todos os momentos, synthetisada em meus idolatrados filhos, que constituem a preocupação de minha vida, elevando-me por ella á grande preocupação de minha Patria.

Não poderia, pois, prescindir d'esse apoio, que solicito, apoio de paes e mestres, em beneficio da mocidade, cada qual em sua esphera de acção, marchando, entretanto, pela harmonia de vistas e de fins, para o mesmo *desideratum*.

Sim; porque não ha descontinuação entre o lar domestico, que, por beijos e caricias, prepara o espirito da criança, e o lar da escola, que, por licções e conselhos, lhe desenvolve e avigora os bons sentimentos, esclarecendo lhe a intelligencia. Quem pretendesse em verdade, traçar uma linha divisoria entre os dois grandes scenarios em que o menino desempenha um

só papel—seu preparo para a vida social—, teria cavado um sulco profundissimo na picada da infancia, onde ella tropeçaria infallivelmente ao attingir a vida real das iniciativas e do trabalho.

Não nos enganemos: —o lar está para a escola, a educação domestica está para a educação civil, como o coração para a vida, o pulmão para a existencia. O seio carinhoso, onde impera essa creação inimitavel, o desdobraimento mais puro e sublime da alma feminina, a—Mulher Mãe—, é o elemento precipuo de nosso aperfeiçoamento relativo, para que a sociedade possa, em seguida, desempenhar, por meio da escola, sua acção benefica e completa, encontrando para isso um meio propicio.

Sem a familia nada poderia a escola, porque se esta illustra a intelligencia, que ainda está crystallina, pouco poderia sobre o character entorpecido, ou mal orientado.

Sem a escola, igualmente, onde a criança respira o ar que lhe ha de refrigerar a intelligencia, para conhecer, pela instrucção, o valor dos nobres sentimentos moraes e sociaes, o trabalho da familia seria incompleto e defeituoso. E é indispensavel, de modo absoluto, que o futuro cidadão não seja um producto exclusivo da familia, ou da escola; mas a resultante dos esforços combinados de ambas, em acção harmonica e accessoria.

Puro producto do lar, entraria na sociedade, portador de affectos, sem os ensinamentos praticos da ordem, da fraternidade, da disciplina, do estimulo, da solidariedade, indispensaveis á fortaleza do edificio commum, o que sómente a convivencia e os ensinamentos da escola poderão ministrar.

Puro producto d'esta, exercitaria no seio da sociedade como que mechanicamente suas funcções, sem a solida base do Amor, que se poderá beber com efficacia no grande cofre dos affectos, que é o seio carinhoso da familia.

II

Não é fácil, entretanto, bem o sabeis, tão nobre e importante missão, confiada a paes e mestres.

Pelo contrario, é por demais melindrosa, não só pelos effeitos que é destinada a produzir no grande scenario social, como pela boa adaptação ás differentes naturezas infantis.

Não deverá bastar para isso, de um lado — a familia, e de outro — a escola, com pensamentos harmonicos e uniformes, apropriando-se do coração e do cerebro do menino, ficando este independente entre os dois elementos propulsores.

Parece-me uma necessidade imprescindivel collocar entre o devotamento dos paes e a acção dedicada dos mestres — a vontade do menino, a boa disposição do seu espirito.

A criança não póde deixar de representar directamente um elemento principal ao effizac exercicio dos ensinamentos da sociedade domestica e da sociedade civil, para que estes não fiquem reduzidos aos effeitos de um cultivo em um campo inadaptado á devida germinação.

É preciso, portanto, fazer da criança um élo, mas um élo natural e espontaneo, que ligue a cadeia dos affectos da familia á das licções da escola.

E como falo aqui tambem ás crianças, permittime um exemplo pequenino e bem ao alcance de suas intelligencias.

Disponhamos, com todos os aperfeiçoamentos conhecidos, poderosas machinas para a producção da luz electrica; colloquemos em nossa casa luxuosos lustres de fino crystal; façamos funcionar aquelles e abramos inteiramente a communicação para estes, dispondo, porem, de fios de transmissão — maus conductores, ou imperfeitos, sob qualquer ponto de vista.

Que succederia? Fatalmente, a luz não viria, no

primeiro caso; ou seria de má qualidade, de pouca intensidade, ou de passageira duração, no segundo.

Pois bem, applicuem os, sob outra face, a hypothese ao assumpto : imaginemos a familia perfectamente constituida pelo affecto; supponhamos a escola devidamente preparada para a perfeita diffusão do ensino; applicuem os a acção de ambas sobre o menino desattento, que não attende a conselhos de seus paes e só estuda na escola de má vontade, temendo apenas o castigo.

Que succederia ? Um futuro cidadão, um futuro chefe de familia, em verdadeira desorganização intellectual e moral, sobre quem só imperaria a vontade caprichosa e desordenada que se reflectiria, necessariamente, em consequencias maleficas no seio da sociedade.

D'ahi, a instituição que busquei encontrar em minhas constantes meditações pelo futuro da mocidade, que é o futuro da Patria, e pelos destinos da instrucção, que deverá ser um dos seus grandes alicerces, estudando um meio apropriado para fazer do menino, insensivelmente, porque a vontade infantil é vaiia e caprichosa, esse fio transmissor adaptado.

Não nutro, absolutamente, a pretensão de tel-o encontrado unico e efficaç. Humilde operario no grande Templo da Instrucção, não posso pretender a auctoridade dos grandes sacerdotes.

Mas, como sem o operario dedicado as officinas não se movimentariam ao só influxo dos technicos, resta-me a satisfação de ter dado um passo bem intencionado.

Para a effectividade do meu *tentamen*, bebi nas boas licções dos mestres e nas observações da experiencia, que tambem é eloquentemente mestra.

Não é de hoje que esta idéa me preoccupa : data de minha investidura no cargo de director geral da Instrucção Publica, neste Estado, em 1900 :— a criação da REVISTA INFANTIL, que, na humildade de suas

vistas, representa apenas, bem intencionado, um auxilio apropriado e insinuante aos srs. paes e mestres, visando directamente o menino.

Que procedimento, porem, para esse effeito ?

Não desviar a criança dos impulsos de sua natureza, proporcionando-lhe a educação de suas faculdades em um meio de instrução adequada e amenizada o mais possível pelo deleite, offerecendo-lhe, ao mesmo tempo, margem para que, por si mesma, espontaneamente, solicite movimento e alimento para o espirito, por meio de conhecimentos satisfactorios á sua curiosidade.

Quantas vezes ouviremos chamar-se—curiosa, em ar de censura, uma criança, porque pergunta muitas cousas, que, aliás, lhe poderiam ser ditas com proveito ?

Essa curiosidade, entretanto, longe de ser repellida como um vicio, deverá ser mesmo alimentada; é naturalissima e necessaria.

Não se deverá perder o ensejo de bem aproveitar a boa disposição de seu espirito, que, em taes momentos, sobe a elevado grau.

É intuitivo que—chamar uma criança, sem um a proposito qualquer, fazendo-a, muitas vezes, deixar um brinquedo predilecto, para lhe explicar, por exemplo, como se fabrica o papel, seria, como se costuma o dizer, *clamar no deserto*.

A má disposição do espirito impediria fatalmente um resultado proveitoso: não existindo a attenção, não haveria trabalho possível de aquisição.

Imaginae, entretanto, um menino que, d'entre seus brinquedos, apanha um lapis. por exemplo, e, espontaneamente, corre, prazenteiro e indagador, a perguntar ao pre : «*Como se faz isto ?*»

Compreende-se que ha avidéz de conhecimento, e a explicação que lhe fosse ministrada, em palavras accessiveis, seria proficuamente absorvida pela memoria e pela imaginação, auxiliadas pela vontade e pela attenção.

Nem ha nisto uma novidade : é a propria natureza que se impõe, falando grandiosa e sábia pelos labios da infancia.

III

Quantas vezes, porque os afanosos labores dos paes não lhes deixam tempo disponivel para acompanhar de perto e activar mesmo a educação do espirito da criança, quantas vezes serão perdidas occasiões opportunas de inculir em seu espirito conhecimentos que deseja, e que lhe poderiam, mais tarde, servir de base a outros, facilitando ainda a acção da escola ?

Quem ignora que nos centros incultos, e dentro mesmo de nossas cidades, nas camadas menos letradas, a manifestação de um eclipse, por exemplo, phenomeno tão conhecido e mathematicamente previsto, determina verdadeiras scenas de ignorancia ridicula, pelo batimento de latas de folha de flandres e producção de toda sorte de barulho ?

—*Que é isto ? Por que se faz esta algazarra ?* perguntarão, muitas vezes, innocentes criancinhas, a quem se terá mandado executar tambem taes cousas.

—*É a lua que dorme, precisamos acordal-a,* dir-se-lhes-á, algumas vezes; ou então :—*E' um castigo do céu; devemos afugental-o...* e tantas outras explicações, neste, como em muitos outros assumptos, que a credence inventou !

Ter-se-ia assim perdido uma excellente occasião de fazer o menino adquirir salutaes conhecimentos. Mais ainda : inculir-se-lhe-ia no espirito uma idéa erronea, e, como bem diz illustre pedagogista, «é de maxima importancia que não se enganem naquillo que lhes disserem; que lhes dêem noções exactas d'aquillo de que lhes falarem, são o que seria um bem, convenientemente observado e dirigido, pôde tornar-se um mal quasi indestructivel, profundamente enraizado».

Deante, pois, das considerações feitas, eis o auxilio que a REVISTA INFANTIL se destina a prestar.

Ella tem por fundamento utilissimos e insinuantes jogos de espirito, destinados a pôr em movimento concomitantemente, as differentes faculdades intellectuaes do menino, educando as convenientemente pelo exercicio.

Deixarei aqui, de passagem, um ligeiro exemplo material, para resaltar a acção que eu espero exercer sobre o espirito infantil, por meio d'essas diversões.

Entregae uma quantidade de chaves a um menino, collocando-o deante de uma porta fechada, e dizeilhe : — *Abri-a, e dentro d'esse quarto encontrareis um bello brinquedo, que vos pertencerá.*

Que vereis ? O menino, ávido de encontrar a chave que lhe deva servir, experimentará uma, comparará com os da fechadura os recortes de outras, sua attenção está fixada, as faculdades de observação em movimento, elle compara, raciocina, julga, tira deducções, etc.

Pois bem ; eil-o em face do insinuante e attraente jogo de espirito: no afan de descobrir aquillo que se lhe occulta e que tem vontade de saber, buscará a *chave* necessaria.

E o que o menino descobre pelo trabalho de seu pensamento, diz muito bem Marcel, é muito melhor do que o que se lhe tem ensinado.

Como pretendeis chegar á educação do espirito da criança, dir-se-me-á, por meio da attenção, que não póde deixar de repousar sobre a vontade, da qual sómente o menino poderá dispôr ?

Como conquistar essa vontade, por meio de uma difficuldade que, em verdade, o jogo de espirito representa ?

Poderia, de facto, procurar vencer a difficuldade, pela propria difficuldade, bebendo para isso conselhos nas licções dos mestres, que, como Carrier e Liquier, por exemplo, observam que « o menino é naturalmen-

te curioso, e a instrucção dá satisfação a esse pendor».

Mas, diz Chaumeil muito bem, «a novidade e a variedade despertam a attenção, mas não a sustentam».

Antevendo, pois, beneñicos resultados, sob todos os pontos de vista, deliberei confiar a conquista da vontade e da attenção, já excitadas pela curiosidade, á emulação do premio pelo esforço, que é um sentimento nobre e quasi sempre efficaz.

A emulação é um poderoso elemento de successo, e, como bem reflecte competente pedagogista, «a experiencia prova que é ella um estimulante da vontade, que a conta entre os mais energicos ».

Que melhor compendio de observações da vida real do que o proprio lar, onde os queridos filhinhos, apprendendo comnosco, ensinam-nos, ao mesmo tempo, natural e espontaneamente, como deveremos ensinál-os, como deveremos captar sua boa vontade, para bem dirigir suas inclinações?

Qual de vós não terá dito, porventura, a um filhinho doente, que se recusa ao amargo medicamento que a medicina prescrevera :—*Bebe que te darci um presente!*

Qual de vós, depois de uma bella acção praticada pelo filho estremecido, não terá, por exemplo, affectuoso e meigo, estreitado em um amplexo, carinhoso, beijando commoivamente, o entesinho adorado?

E que significa esse abraço, esse beijo, essa caricia, senão um premio do affecto, que bem echoará no espirito da criança, sentindo-se applaudida e amimada?

Não é propriamente uma recompensa; é um incentivo, precisamente.

E para que mais intenso seja o incitamento á infancia, a REVISTA deixa lhe a certeza de que se trata de uma verdadeira concorrência, de um verdadeiro torneio intellectual entre seus assignantes, pelo que o premio não competirá a cada um, em qualquer tempo, como já vistes pelo folheto-prospecto distribuido.

IV

O necessario, porem, é que a infancia comprehenda por si, directamente, ou por intermedio dos srs. paes e professores, compenetrados de minha boa intenção, que deverá se esforçar devidamente para auferir da REVISTA todas as vantagens a que a mesma se propõe.

E vae nisso um apello, que eu tomo a liberdade de fazer aos srs. paes e professores, em beneficio mesmo da responsabilidade que lhes assiste, em face do futuro das crianças sobre as quaes exercem auctoridade.

Não tenho a pretensão de aconselhar; cumpro um dever apenas, pela idéa que defendo.

É preciso que o menino não se valha inteiramente da razão alheia, na solução das questões e dos problemas, encaminhando depois seu nome á REVISTA, para pretender um premio.

Isso sim, seria positivamente o desvirtuamento da acção d'esse elemento de estímulo.

Que succederia? O menino, alem de não colher vantagem alguma intellectual, habituar-se-ia á inercia, a confiar exclusivamente no esforço alheio, a jactar-se de actos que não praticara, sentimento pernicioso, podendo dar origem ao mau habito da mentira, que degrada e avilta os caracteres.

Ainda mais. A criança incutiria em seu espirito o desprezo pelo esforço alheio, podendo por essa forma prejudicar o trabalho real de outro menino, germinando assim o malevolo sentimento da injustiça.

Demais, ó gentis crianças que me lêrdes, ó filhos, que me escutardes, por intermedio de vossos paes; ó discipulos, que me attenderdes pelo vehiculo de vossos mestres; que proveito vos poderia advir de uma contrafacção, de uma deslealdade d'essa natureza, podendo ser o germen productor de muitos vicios, no futuro?

Poderieis ganhar um premio, sim, mas não o terieis conquistado !

Recebendo-o indevidamente, vossa propria consciencia se rebellaria, permittindo-vos apenas um prazer momentaneo, passageiro, illusorio.

E o premio adquirido, attestado de victoria ficticia, rolaria, certamente, dentro de pouco tempo, despedaçado a vossos pés, porque, em verdade, a nobreza latente de vossos sentimentos não vos permittiria ligar a devida importancia áquelle presente que não custára esforços.

Quem poderá contestar a lição diaria que recebemos no seio do lar ?

Dae, por exemplo, uma caixa de soldados de chumbo a um menino. Às primeiras horas, vel-o-eis preso de uma alegria indizivel, sem encontrar um canto bastante *digno* para collocar aquelle *exercito*, evitando que quem quer que seja toque de leve, sequer, nas pontas dos *sabres* d'aquelles *soldados*, de que elle é o *general*.

D'ahi a pouco, como se costuma dizer e melhor se accentúa na infancia,—a posse é o tumulto do desejo—; o prazer vae perdendo de inteasidade e começa a impôr-se a necessidade de nova distracção. E o menino vae, por si mesmo, procurar o irmãozinho, ou o companheiro de folguedos, para formar batalhas, onde, em poucos momentos, os *soldados* estão reduzidos a fragmentos de chumbo.

Que se observa, porem, com o simples cartão que, na escola, entregaram á criança, por premio de sabbatina, ou a coroa sinha de loiros deposta sobre sua cabeça, pelo brilhante exame effectuado ?

Guardal-os-á com affectuoso carinho durante largos annos, habituando-se a ver naquelles objectos—verdadeiras reliquias; mostrando os com religioso acatamento a seus camaradas; relembrando com satisfação o momento da conquista, e os esforços que despendera para esta.

É a lição dos factos, eu não idealiso !

Já vi mesmo, no gabinete de trabalho de um amigo altamente collocado na esphera social, em um bello quadro doirado, o primeiro premio ganho na escola. Por essas reflexões, entretanto, não pretendo, absolutamente, dizer que deva ser inteiramente dispensavel o auxilio dos directores da criança, quando necessario para lhe sustentar o animo.

A REVISTA INFANTIL, auxiliando-os, precisa tambem ser pelos mesmos auxiliada, na missão commum que desempenham, em beneficio da infancia.

Se a criança puder, por esforço proprio, produzir todo o trabalho, melhor, tanto melhor, sob todos os pontos de vista.

É Spencer quem aconselha, em sua grande auctoridade :

«É da natureza dos factos e das conclusões as similadas, tornarem-se successivamente as premissas de outras conclusões o meio de resolver outras questões. A solução do problema de hontem auxilia-o a resolver o de hoje. D'esta maneira, o novo conhecimento torna-se engenho, apenas adquirido, e concorre para a função geral do pensamento. Notae ainda de que auxilio é essa espontaneidade de trabalho, para nosso desenvolvimento moral. A coragem para enfrentar as difficuldades, a concentração paciente da attenção, a perseverança no insuccesso são disposições especiaes que precisamos possuir na vida; e são ellas justamente desenvolvidas pelo systema que consiste em fazer ganhar pelo espirito seu pão intellectual.»

Mas, se o menino, realmente, não puder por si só produzir todo o esforço, será mesmo de bom aviso que o guiem, para o incentivar; devendo, porem, esse auxilio, ser criteriosamente proporcionado, de modo a não excluir a iniciativa, a espontaneidade infantil.

Não haverá nisso prejuizo muito sensivel ao plano da educação do espirito, porque a boa vontade do

menino está assegurada, sua atenção fixada, o espirito desejoso de saber e trabalhando tambem para isso.

O encaminhamento, pois, para a victoria, seria não só efficaz, como proveitoso para habitual-o, produzindo-lhe, ao mesmo tempo, satisfação.

Nem nos devemos arreceiar de que a criança possa vir a ser presa de desgostos, não conseguindo por si mesma, ou auxiliada, *matar* a questão, perdendo esta assim os bons effeitos que visa.

Ainda essa hypothese poderá constituir um bom elemento conductor do espirito da criança, pois como bem reflexiona conhecido pedagogista, «mesmo no caso de insuccesso, a tensão das faculdades fixa suas lembranças, quando a solução lhe houver sido dada, melhor do que poderiam fazel o explicações muitas vezes repetidas.»

Eahi estará mais um caso de auxilio precioso que a REVISTA INFANTIL não se cança de reclamar aos srs. paes e professores, em compensação ao auxilio que lhes prestará.

Deante do insuccesso, com palavras meigas e carinhosas, de que, naturalmente, usarão sempre, procurarão demonstrar ao menino que este não se acha em face de uma derrota, que o deva envergonhar; que todo esforço para o bem, para a instrucção, é louvavel, ainda mesmo que, por deficiencia de meios ou tempo, não possamos alcançar resultados completos; que o insuccesso de hoje deverá ser o incentivo para a victoria de amanhã.

Essas e outras ponderações apropriadas a sustentar o animo infantil, serviriam não só para bem o predispôr, como produziriam ainda o effeito de salutarens ensinamentos de moral pura e sã, dados adequadamente precisos para a fortaleza do character da criança.

V

Já tivemos, porem, occasião de dizer que o plano da REVISTA INFANTIL não é exclusivamente limitado á

esphera da educação do espirito da criança, simplesmente para um effeito mechanico-intellectual.

Ella visa essencialmente, como fim precipuo, educar para os effeitos de instrucção espontanea e consequente.

Para isso, não se limitará á simples exposição dos jogos de espirito. Promptifica-se ainda a receber dos assignantezinhos perguntas sobre os differentes assumptos abrangidos pos aquelles, respondendo-as devidamente no seguinte numero, sub a rubrica—CORRESPONDENCIA INFANTII.—, proporcionando-lhes assim uma util e variada licção de cousas, que é um compendio eterno, pois tem por auctor, sabio e insinuante, a propria natureza.

Em verdade, que vem a ser esse renovar constante das sciencias, das artes, das industrias, enchendo os seculos de luz, senão uma continuada licção de cousas, que recebemos constantemente?

Que são todos esses descobrimentos modernos —raios *X*, o *radium* e tantas outras substancias que lhe vão sendo approximadas, novas fontes de luz e calôr; o telegrapho sem fios, os raios *N*, a radiação do corpo humano e dos proprios vegetaes . . . deslumbrando a humanidade, nessa marcha ascendente e triumphante da sciencia, que como já não permite aos que estudam e lhe seguem os passos, dizer: duvido?!

Que são todas essas admiraveis pesquisas baseadas na força electrica, sem falar em sua energia propulsora, que vae avassallando tudo; que são essas surprehendentes revelações da photographia combinada, patenteando á vista do homem deslumbrado o fundo dos mares, os arcanos do espaço, um thesouro inexaurivel de surpresas?!

Que é toda essa vida, enfim, senão uma variadissima licção de cousas, onde quer que nos achemos, para onde quer que nos transportemos, substituindo outras que desapareceram, ou vão passando a um plano inferior?

E diz muito bem Spencer, com aquella auctoridade tão acatada, com relação a esse poderoso elemento de proficuos ensinamentos :

« Ella não deveria ser limitada aos objectos que existem na casa; mas comprehender aquelles que se encontram nos campos, nas sebes, nas montanhas, no mar etc. Não deveria acabar com a primeira infancia; mas ser proseguida na juventude, de tal modo que viesse insensivelmente fundir-se com as investigações do naturalista e do sabio».

E d'ahi não provirá apenas um conhecimento especial de cada um; mas uma licção ampla geral, pois, é bem de ver, cada assignantezinho lerá sempre, interessado e attentamente, essa nova secção da REVISTA INFANTIL, afim de saber o que perguntou, e tambem o que outros indagam.

Isso é um impulso de curiosidade tão natural, que se observa mesmo entre os homens que estudam, com relação ás revistas que assignam e que contêm uma secção identica.

O necessario é que o assignantezinho se compe- netre devidamente da grande utilidade d'esse manan- cial de informações, só se utilizando de seus effeitos pela espontaneidade de seu espirito, na busca de um conhecimento util e necessario, sem sobrecarregar a REVISTA de verdadeiras futilidades, pelo simples capri- cho de perguntar, com assumptos que já conhecer, ou cuja solução puder ter promptamente junto a seus paes.

Que succederia? Inquerida por todos os lados, verdadeiramente *bombardeada*, deixae-me dizer assim, pela infancia a postos, sobreviria um inevitavel ex- gottamento de elementos de acção, ou pelo menos, o descuro das demais secções, com manifesto prejuizo da propria infancia.

Demais, a criança habituar-se-ia ao espirito de auctoritarismo, exigindo serviços sem consideração ao esforço alheio.

E o auctoritarismo é um sentimento mau, que

não deve, absolutamente, ter guarida no espirito das crianças, que, pelo contrario, deverão ser cordatas.

A cordura predispõe o animo para as agruras da vida, para enfrentarmos com coragem e serenidade as difficuldades e vencel-as com calma, prudencia e segurança.

E não seria só o auctoritarismo o mau sentimento desenvolvido; seria tambem o egoismo de só vêr em evidencia sua pessoa, o individualismo exaggerado de só visar seu interesse, determinando, alem de tudo, o abuso de um direito, que devota sempre a má comprehensão de seu valor.

E é necessario mesmo, a bem da nobreza dos sentimentos da infancia, que esta repilla de seu espirito a idéa de que o dinheiro por meio do qual obtem uma assignatura da REVISTA INFANTIL é uma simples remuneração do trabalho.

Bani, ó crianças que me lerdas, de vosso espirito, que deve ser generoso e nobre, essa idéa acanhada: vossa moeda não deverá representar a compra de uma assignatura; mas uma pequena parcella com que cada um de vós concorrerá para a manutenção da REVISTA, que visa um fim geral e collectivo; que não se destina exclusivamente á individualidade, mas ao individuo pela sociedade, é á sociedade pelo individuo.

Não vos imagineis deslocadas no seio do vosso lar; pelo contrario, reconhecei vos uma parcella da collectividade infantil, que representa a patria em ccnstante rejuvenescimento.

D'ahi, o sentimento de fraternidade, o espirito de solidariedade, indispensaveis á organização social, á fortaleza do meio, ao robustecimento da nacionalidade, que é a de vossos paes, e, como vossa, será mais tarde a de vossos filhos.

VI

A criança, porem, mais do que o homem, precisa do deleite do espirito.

É de bom aviso manter a alma do menino em estado de permanente satisfação, mesmo porque é este o mais propicio para a formação do caracter, o avigoramento dos sentimentos e a boa direcção de suas inclinações.

D'ahi, as instituições dos jogos infantis, os brinquedos, a harmonia da musica, a melodia da poesia, e tantos outros meios attrahentes, para a boa condução da infancia e seus destinos.

Para esse fim especial, a REVISTA manterá tambem uma secçãozinha denominada—*variedades*.

Alli, encontrará a infancia, além de informações geraes sobre cousas e assumptos uteis á sua instrucção, noticias sobre bonecas e brinquedos, jogos infantis, a poesia insinuante e ao mesmo tempo portadora de uma licção moral ou civica, a ligeira anecdota sobre assumptos ligados á infancia, perguntas enigmaticas, contos sem palavras, canções e hymnos com a respectiva musica, historietas, contos, conselhos hygienicos e de educação physica, etc. etc., com illustrações adequadas, sempre que fôr possível.

Encontrará tambem um pequeno espaço reservado ao ensaio de seus primeiros passos na publicidade, procurando mesmo a REVISTA provocar as manifestações intellectuaes da infancia.

E isso será ainda um contingente de trabalho, que o assignantezinho dará á causa que a REVISTA advoga, habituando-se, ao mesmo tempo, a concorrer por seu esforço, desinteressadamente, para os nobres *tentamens*.

E não é somente para o exercicio do trabalho proveitoso e instructivo que a REVISTA INFANTIL convida a mocidade; tambem a concita, nessa secçãozinha, que lhe é especial, á manifestação de um sentimento nobillissimo :—a caridade, sob suas variadas formas.

Sob a rubrica—*beneficencia infantil*,—registrará os donativos que lhe fôrem enviados por seus assignantezinhos com destino á infancia desvalida.

Imaginae, ó gentis crianças, que tendes a satisfazer vossos caprichos infantis, queridos progenitores, que se desvanecem de adivinhar vossos innocentes pensamentos; vós, ó pais carinhosos, que tendes a embalsamar vosso lar douradas cabecinhas de garrulas crianças, amenizando as labutas de vossa responsabilidade; vós, em fim, ó mães amantissimas, que bebeis venturosas no sorriso angelico de querido filho a felicidade de vossas almas. . . imaginae que proficua fonte de consôlo e bonança poderá vir a ser, se assim o quizerdes, a REVISTA INFANTIL.

Considerae que, emquanto na casa do abastado, crianças brincam felizes, cercadas de carinhos e attractivos; assentam-se, vivas e risonhas, á mesa de appetitosas iguarias; têm a cuidar-lhes a saúde, levemente alterada, os esforços da sciencia e a bolsa de estremecidos paes . . . outras, coitadinhas, no humido chão da choupana da miseria, chorarão desconsoladas, sem o mais insignificante brinquedinho; supplicarão á pobre mãe estarrecida um pedaço de pão, que já não existe; ou sobre catre, mal illuminado pela luz vacilante da candeia, vão, pouco a pouco, perdendo as energias da vida, aos echos doridos do pranto angustioso de desgraçada mãe !

As grandes scenas da indigencia nem sempre se reflectem no seio social, porque a luz que as illumina não tem scintillações !

As passagens dolorosas dos grandes dramas da miseria envergonhada, não se atrevem, muitas vezes, a perturbar os faustosos scenarios da abastança:—desdobram-se, acompanhadas sómente pela surdina dolente do soluço de seus desgraçados actores !

Pois bem: em nome de seus pequeninos assignantes, a REVISTA INFANTIL penetrará, espontanea e indagadora, no lar da miseria, illuminada pela innocencia de seus mandatarios, para levar o carinhoso obulo da infancia á propria infancia.

E em nome dos protegidos, bemdirá sempre a

infancia protectora, rogando que sobre suas innocentes cabecinhas recaiam bonaçosas as benções do céu.

Eis, pois,—EDUCAR, INSTRUIR, DELEITAR E BEMFAZER,—o plano da REVISTA INFANTIL, que já conheceis pelo projecto distribuido, e que, alem de poder constituir um verdadeiro deleite instructivo ao menino apto a manuseal-a, será, demais, um bom incentivo ao que não estiver ainda em condições de bem a apreciar, esforçando-se por apprender, afim de tomar parte no grande torneio da infancia.

Está, pois, mais desenvolvidamente, agora, lançada a REVISTA INFANTIL, por meio da qual não pretendo alardear conhecimentos, mas levar, de boa vontade, sinceramente, uma pedra, que acredito frutuosa, para o grande alicerce do futuro da infancia.

E assim como o meigo e bom Jesus dissera, affectuoso e terno, procurando acercar-se dos meninos: «*Sinite parvulos venire ad me*»—(deixae que as crianças se approximem de mim), apropriando-me do santo pensamento fiz de tão carinhosa phrase o lemma da REVISTA INFANTIL :—«SINITE PARVULOS VENIRE AD ME».

E para terminar, farei d'aqui um appello ao proprio auctor da sentença, que neste momento lê na sinceridade de minha consciencia, para que me seja prestado pelos que se interessam realmente pela infancia, valioso e patriotico auxilio de incentivo e fortaleza, parodiando aquellas santas palavras:

FAZEI COM QUE AS BOAS INTENÇÕES SE ASSOCIEM A MIM.

VIRGILIO CARDOSO.

